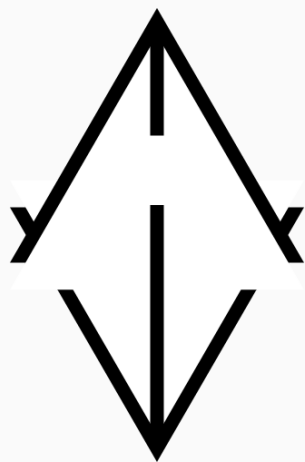


PARA QUEM ESCREVO



Emanuel Tuê da Silva Silvano

Daqui para frente digo calade

Meu dom não é na voz, pouco sei e domino a minha dicção, rouca como de um fumante, bela demais para ser de canto, pois se canto desencanto, meu dever é outro.

A fala nunca me pertenceu, embora eu brinque com os ditos ainda silenciados, porque se falo é para dizer do silêncio, do oculto, daquilo que abandonamos. Se eu aprendi a falar foi para deixar de gritar, para deixar no passado a angustia do meu corpo incontrolável. Ainda permito sua ação através da dança, do toque. De socos e chutes, esses não me pertencem, sempre gostei de bater com palavras.

Sentir o arrepio de tocar meus

hematomas, sentir o embrulho do estomago, o gosto amargo da lágrima, ver o vermelho do sangue. Qual o prazer daqueles que se silenciaram ?

Porque é deles que vem meu dom, pouco sei do poder da fala, tão menos a domino, mas do silêncio te torno eu, te transbordo em mim sem precisar dizer seu nome, sem precisar saber seu nome.

No silêncio que habitamos e de lá que encontro você calado, mas é isso que eu não sei fazer, é nele que meu grito ecoa sem te fazer tampar os ouvidos, meu dom está na escrita que te ensina sair do silêncio e vir pro' barulho, o barulho que só consigo fazer calade.

O conto do Tolo

1 - Apresentação

Lá se vai o tolo, sorridente como sempre, nem olha pro chão. Coitado, acabará de tropeçar numa pedra, rindo consigo a possibilidade de ser um aviso. Como eu disse, lá se vai o tolo.

Carismático como ninguém, seguiu à trilhar. Nem se importou com as risadas, os sons delas eram músicas, embora a letra não se escuta e lá se vai o tolo.

Um descontentamento de ser tolo é ser fiel demais. Quando se dá conta, não calça mais sapatos, até isso deu porque até ali ser fiel era algo que o outro também era.

Essa é a vantagem de ter um tolo, porque confia nos outros.

O ruim de ser o tolo é não ter

um sapato depois.

A caminhada de um tolo é sempre sofrida. Termina descalça, nem notará que andou em chão de pedregulhos, de matas espinhosas, asfalto fervente porque amanhecerá. A desvantagem é sempre sentir. Isto mesmo, na pele, na sola do pé.

Lembre-se, não confundir tolo com burro. O burro fica esperando, o tolo ao menos caminha, quando percebe-se só. Calça outro sapato quando retorna, o verdadeiro problema de ser o tolo, afinal, o burro tá lá esperando.

"É que o tolo, pode até ter aprendido, mas basta uma risada para se ver descalço."



2. A morte de um tolo

O pior é querer ser o outro. Esse foi o primeiro tropeço do tolo, quis rir um pouco, do outro e dile. Esse é o problema do tolo.

Querer.

De corpo e alma à atenção do outro. Não parou para pensar na sua graça, queria saber da graça do outro e não se consegue nada disso. O outro tão longe de ser o tolo, mal pensara e se pensara vive como um tolo, porque muitos vivem entre si.

Como toda população há de achar seu estrangeiro, o estranho se acha assim como o tolo. E quem ouviu uma vez falar do tolo, certamente sabe que está descalço. O problema de quem está vivo é não saber o que veste para a morte e não fiquem palmos caso o tolo seja a falta dos sapatos. O tolo perdeu até achar e te resta fazer o mesmo.

Esse não é o único problema do tolo, pois o encontro com a morte todo mortal tem. Se vestir fosse o único problema, o sapato seria de menos, mas o sapato pesa.

Pode pensar estar leve não usando eles, mas é o peso que importa. O peso de tudo vivido tendo uma vida que lhe trouxe também a morte. Não usamos saco enrolado num cordão preso ao pau de madeira, pensando bem... Alguns terão, afinal muitos dos tolos tem outros problemas.

O de não saber o que vestir, o de não saber quando precisa se arrumar, o de pensar que vive e não morre hoje, o de não saber o que é morrer.



3. A vida resumida de um tolo

Se perguntam sobre a vida do tolo, se tanto anda, como não cansou?

A resposta é simples, o tolo não nota, segurando com tanta força a pulseira da esperança que segue no futuro de uma reconciliação. O tolo espera o retorno do outro, fica dias naquele lugar que o deixaram na esperança de voltarem.

De ouvir: *isso foi só uma brincadeira.*

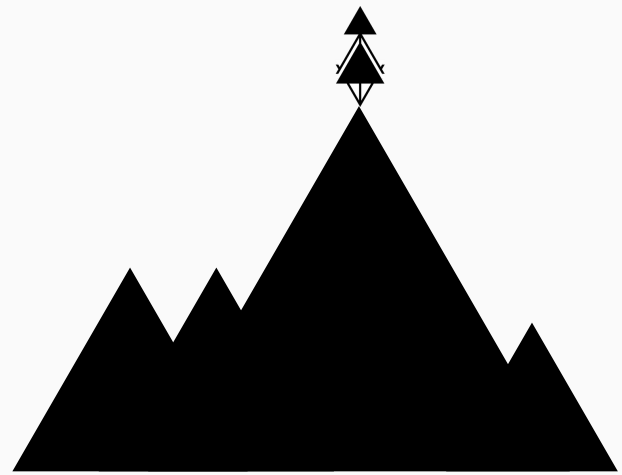
E rir desconfortável por tocarem no terreno mais minado.

A batalha do tolo é *aceitar que não voltam*. Saber que deixaram ali descalço porque precisam do sapato.

Uma coisa que não sabem do tolo é que ele tem muitos sapatos. Perderá muitos a vida toda, mas quem é tolo sabe que sapatos não faltam. Embora seja visto muito descalço voltando para casa. Aquilo é temporário.

O medo do tolo é na Morte estar descalço, uma das suas

características da vida era os sapatos, a sola usada nas suas caminhadas e no final precisar mostrar seu pé todo machucado, é vergonhoso vindo daquele que da vida era colecionador.



A primeira vez que eu escrevi imaginei que nunca retornaria para esse conto, como vemos, até o três eu cheguei, não sei se terá mais em breve. Talvez seja esse o fim desse conto ou só o começo.

O labirinto

Seguiu para dentro do labirinto por aquele caminho, pois nada lhe indicava o correto, se dobrasse a esquerda não significaria que não estaria na direita em breve. Muito menos o reto lhe parecia o caminho certo, tendo a vaga sensação de estar voltando. Dobrou sem perguntar duas vezes qual caminho seguir, afinal se perguntasse cairia na aflição do desconhecimento.

Estava tomade por uma sede. A sede de não saber, a sede da sua ignorância e o gosto salivava sua boca caminhando sem rumo enquanto desejava mais.

Cansado de procurar encontrar o caminho, dessa vez, andava querendo olhar o caminho. Até mesmo aquela árvore que encontrará três vezes anteriormente, agora estava mais bela, talvez a beleza

tenha surgido, pois não olhará com raiva.

Era a árvore, esperava-se a árvore, aceitar a árvore foi a coisa mais fácil do que não querer vê-la.

Aceitando a árvore, parou para aproveitar a sua sombra, do descanso, deliciou-se com o fruto oferecido. Passou um tempo, um enjoo ocasionou um vomito. Observando o que sobrou, o resto mastigado, decidiu ser o momento para andar. Não pensou para qual lado seguir, quando se deu conta, não tinha certeza nenhuma se conseguiria chegar na árvore, assim, andou sem se preocupar em encontrar a árvore e dessa vez demorou muito para encontrá-la e quando se aproximou, descobriu não ser a mesma árvore.

Lembrava que aquela tinha sua marca, sem seu vínculo, decidiu criar com ela e comeu seu fruto. Dessa vez, saiu andando, pois no fundo aquela árvore não merecia seu vômito. Podia fazer diferente e andou sem pensar.

Quando se deu conta, estava na saída do seu labirinto, o seu destino era o mesmo e não importava se sabia ou não o caminho, pensar ou deixar de pensar ainda lhe levava.

Do outro lado do labirinto descobriu estar em outro.



2. O Peso de querer entrar

Sentou de frente para uma parede branca, distante dos ecos alheios, pedia por descanso e o mais longe possível ficou, poupando os outros do incomodo e de si.

Parade, desejou a árvore, da fome lembrará do enjojo e

que teve e pensou mastigar melhor na próxima. O que via agora era que podia ter aproveitado, porque mesmo tendo ido descansar nela, fez com pressa. Queria sair do labirinto e agora estando em outro desdenhou de querer sair logo.

Cagou para a pressa, sentiria a fome mesmo querendo correr de volta para a árvore. Que sentido fazia ficar perdide em um labirinto sem comida?

Até pensou em voltar e qual garantia teria que conseguiria? Lembrou da segunda árvore, sua chance era dobrada, mas pelo o quê?

Andou tanto sem pensar que agora pensar em tudo que fez não adiantava em nada.

Não levantará tão cedo, até pensou em morrer de fome, mas não daria o gosto para aquele labirinto, então fechou os olhos.

Imaginou o formato da maçã, da sua saliva transformou no sabor suculento que outrora experimentou, naquela posição sentiu o tronco. Sua rigidez, a mesma da árvore. Se acomodou e até o vento sentiu.

Não abriria o olho nunca mais, estava onde queria estar, estava fazendo o que queria estar fazendo então foi arrastado de volta com alguém sacudindo forte e mesmo abrindo o olho, viu entre as folhagens a parede branca.

Distanciando aos poucos quando notara que estava na árvore.

Novamente descobriu que nunca sairia do labirinto, mas ao menos tinha comida nesse.



Primeira coisa que fez foi sorrir para o estrangeiro. Alcançou a primeira maçã que viu e a mastigou. Sem a pressa, puxará conversa fiada,

descobrirá que foi sacudido porque o outro achava que estava morto. Riu da situação pois minutos atrás acreditou na sua morte, aceitou ela tão fácil e agora com a boca cheia estava longe de não querê-la. O labirinto lhe pegou novamente, estava longe de querer sair dali.

O estranho explicou que achou uma árvore diferente de todas indo para aquela direção. Apontou afirmando, enquanto dizia: não importa o quanto pense em dobrar para qualquer lado, naquela direção sem parar tu vai achar.

Não pensará de primeira em ir naquele lugar, aproveitaria o tempo naquela árvore, sem saber o nome assistiu o outro seguir o caminho oposto, dizendo que por lá ouviu outra pessoa dizer que tinha uma árvore diferente também.

Depois de mais alguns minutos uma nova pessoa, essa caminhou devagar na sua

direção e quando percebeu paralisou. Enquanto ria jogou uma maçã que por sinal foi devorada, então deu o conselho que aprendeu antes de acordar ali e ao se aproximar, percebeu certo medo.

Perguntou-se a quanto tempo estava no labirinto, pois até o momento acordara enquanto era dia e nada da noite chegar. Quando fez, a resposta recebida não lhe surpreendeu, aquela pessoa andará naquele labirinto cinco dias e foi quando entendeu um pouco mais onde estava.

Tinha fome e precisava de comida e tinha o fim do labirinto que era só dobrar ali. O motivo dela não sair era não saber como parava lá.

3. Exercício de Pensar

Falhou de novo, se fosse preciso contar tudo, depois de dias lá, ele e ela decidem sair da árvore. Digo que falharam

porque estão na árvore. Sem frutos que foram colhidos, totalmente sem comida. Fracassaram, pois tinham partido antes e como voltaram não lhe sobrou a comida.

Aqui não se pergunta quantos dias, aqui se pergunta o quão longe chegou. Se calculássemos o tempo, entenderiam que eles calcularam com a única coisa que registrava as horas. Seu tempo era a maçã. Uma ao acordar, outra antes de dormir, nessa tentativa levaram vinte e seis frutas.

Agora nem as partes da roupa possuem, as arrancadas para conseguirem levar aquela quantidade ficará lá. Retornaram num piscar de olhos e em trapos. Aqui nesse lugar você vive sem comer. Cansaram de contar quantas vezes dormiram até achar outra árvore. Nem sequer souberam qual caminho tiveram para dizer como chegar nessa árvore e ali conseguia de longe



ver a saída.

Mastigaram a maçã pensando na loucura e seu sabor amenizava, igual a esperança ao chegar, parecia dizer: ali está a saída, uma hora conseguirá.

No fim, só comiam comer e pensar como saiam, por causa disso pediram desculpas para a árvore. Lamentavam vê-la quando retornassem. Dos galhos finos amarraram em troncos mais grossos e das cestas levaram muito mais. Aqui você não luta por comida, mas ao atravessar. Não sabe nada daquele que está quase uma eternidade sem comida e principalmente o que faria para estar mais um dia naquela loucura.

Ile e ela andaram quilômetros, porque do outro lado. Tudo que pesa se torna leve, se as coisas não estivessem presas, certamente perderiam sem notar. Dos ecos e passos, dobravam ali, depois lá, outras

vezes logo ali de novo. Ile jurou ter visto a saída antes do seu último piscar lá.

Da árvore em trapos, agradeceram enquanto se despediam e quatro horas acreditam terem levado para achar outra árvore. Dessa vez, não precisaram encontrar alguém falando onde tinha outra. Iles tinham entendido que toda vez por essa direção acharão e acharam.

Parades ali conseguiam ver a saída de longe e de novo comeram pensando como chegar na outra saída. Então repetiram tudo de novo, na partida uma última fruta foi comida por iles ali. Do outro lado daquele labirinto, não comeram as sementes. Guardaram nos bolsos até que ficaram sem comida.

Não existia desespero de achar o lugar. Jamais sairiam nessa tentativa, preparades com a aceitação da fome, somente pararam de caminhar, ficando



no mesmo lugar. No chão, cavaram o quanto acharam necessário, entupindo de restos, tampando em seguida para esperarem. Os dois confirmaram ver a mesma porta antes do último piscar.

A saída.

Quando abriram os olhos na árvore, abraçaram ela. Tão forte que poderiam arrancá-la se pudessem. Partiram dando um adeus e uma benção. Na outra árvore repetiram, mas dessa vez dançando. Sabiam como sair dali. O logo ali é lá. Tudo estava pronto para partirem e caminharam até acabar toda a sua comida, sabiam o que aconteceria.

Riam daquilo, porque chegará a hora. Antes dali se achava seguindo sempre para lá. Aqui se acha quando não quer chegar lá, só quer mais uma maçã. De olhos fechados, andaram sem enxergarem uma fresta até que suas mãos tocaram o inimaginável.

Abriram os olhos e estavam certos. Aqui o tempo passava rápido demais e ali estava a árvore que plantaram. Tão grande e farta. Comeram enquanto olhavam a saída e só sabiam rir. Já não é mais logo ali era logo lá.

4. A Oração

Entraram de barriga cheia, atravessaram o labirinto e enquanto olhavam para trás, a árvore se distanciava. Conforme andaram, as perguntas começaram, por que está vazio? Não enxergavam o chão, andavam reto. Deram mais alguns passos na esperança de baterem em algo invisível, mas não tocaram em nada. Retornaram para a entrada, voltando para a árvore, colheram algumas maçãs e entraram novamente. Dessa vez pensando que ganhariam tempo andando naquele lugar se tivessem comida.



Quando finalmente decidiram comer, o estralo de suas mordidas ocultaram passos que vinham de longe. Confrontadas com uma miragem que não acreditavam estarem vendo. Uma criança distante caminhava na direção deles, aqueles dois se olharam, regalaram seus olhos, pois pela primeira vez viam uma criança. Todo aquele tempo no labirinto, jamais avistaram alguém que não aparentasse ter mais de vinte anos. Pela primeira vez, uma criança estava lá.

Quando a criança se aproximou, pediu uma maçã. Enquanto comia, começou a dizer que estava esperando por eles à anos e que estava cheia de energia pelo reencontro, pois agora poderiam brincar naquele lugar, chamou o jogo de Diga e Faça.

Sem entenderem muito bem, ele pensou na árvore que vomitará e sem compreender como, embaixo dos pés da criança uma árvore começou a crescer.

Exatamente igual a árvore que pensará. Logo ao seu lado o vômito.

“Cadê o chão?” ela perguntou para a criança, então o gramado começou a florescer.

Sentiram como se estivessem voltados para o início do labirinto, tudo era tão real, deitaram no chão. Sentiram a grama e olhando para cima perceberam que a árvore não tinha nenhuma fruta. Feito a pergunta do por quê não tinha nada, a criança não respondeu. Começou a enrolar uma conversa falando das maravilhas que poderiam fazer juntas, mencionou que poderia fazer um rio se quisessem.

Nenhum **diles** sabiam o que era um rio, até verem surgir um na sua frente. Era gigante e a correnteza era fluida, o som tranquilizava seus ouvidos. Estavam vendo pela primeira vez, banhando pela primeira vez naquela maravilha. Depois de um tempo, a criança pediu **11**



outra maçã. Seus corpos molhados foram secados com um piscar de dedos. Passaram dias naquele lugar, andando através das coisas que criavam vinda das palavras que aprendiam. Dessa vez, **iles** tinham a noite e o brilho da lua, o tempo não passava pelas maçãs e das maçãs chegou o dia do seu fim.

Comendo as últimas, a criança mencionou que poderia fazer maçãs para sempre se iles quisessem, iles só teriam que fazer uma única coisa. Da dúvida, a criança explicou que precisava de uma oração.

Quando perguntado o motivo da oração, a criança respondeu que criará aquele mundo somente para iles que para poderem ficar ali para sempre bastava orar uma única vez, assim, começou a rezar para iles.

“De ti eu me fiz, para ti eu me doo. De mim se alimenta, para ti eu me ofereço. Nós somos

seu, para ti eu me ajoelho.”

Ao terminar, iles perguntaram o que aconteceria caso não rezassem naquela noite. A verdade era dolorosa, significaria que ficariam até chegar o seu último piscar para então retornarem para o início do labirinto.

Morreriam de fome ali até não conseguirem mais ficar. Tornando todo o trajeto em vão, pois estando no início teriam que retornar para cá novamente. Bastando somente uma oração para ficarem ali para sempre, podendo comer das frutas daquele paraíso que criaram, se banhar nos rios, mares, cachoeiras que brotaram aqui.

Tinham medo de retornar, queriam tanto ficar, mas algo parecia não estar correto.

Qual a necessidade da oração? Se a criança era a razão de estarem ali, porque não poderia simplesmente aceitar **iles** ali. **12**



Então até na segunda noite, não rezaram.

Na manhã seguinte, a criança apareceu com muitas frutas, uma mais deliciosa que a outra e nenhuma saciava a fome deles. O motivo era a reza, a criança repetia sempre que depois da primeira oração o que fossem comer se tornaria real. No quarto dia, até a água não diminuía a sede e os melhores néctares não foram suficientes.

No sétimo dia, a criança implorava para que ficassem, queria tanto eles ali consigo e eles não entendiam porque não poderiam mesmo ficar, se ali era o fim, por que todo aquele percurso? O que a maçã tinha de tão especial para ter lá e não ter aqui.

Quando piscaram pela última vez, escutaram o choro da criança acabar. Não tinha nenhuma criança lá, suas lástimas e juras tinham

vazio novamente, percebendo que ambos seguravam uma semente na mão.

Quando jogaram no chão, viram elas caírem como se estivessem entendendo pela primeira vez que nunca existirá um chão, estavam o tempo todo flutuando. Do fundo, ouviram um barulho de gota e então dos seus pés tudo o que criaram anteriormente com a criança começou a nascer do vazio. O rio estava a sua frente e atrás a árvore que plantaram antes daquele lugar.

Grande e farta, a fruta transformará em realidade. O seu gosto era de verdade e quando notaram, bem longe atravessando o rio, viram três pessoas e não pareciam se importar com a presença deles.



acabado e estavam naquele

A Escada

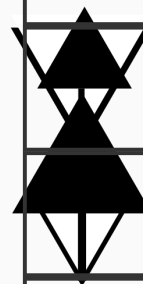
Chega! De degrau por degrau cansa, se a morte é o elevador para os que quase chegaram subindo, eu peço de joelhos, o quanto falta?

Não lembro quando foi que eu parei de olhar para baixo, mas recordo de ter estado lá, tenho a lembrança sofrida dos meus lapsos de gritos e euforia. Quantas vezes acreditei que conseguiria, quantas vezes duvidei, de degrau por degrau, isso humilha, pois nunca estou acima e a sensação é do começo do abismo. Deste lugar eu vi alguém lá em cima, dessa pessoa que veio a escada. De tanto me olhar, eu olhei de volta e olhar para trás sobrou a visão do vazio onde me acomodara, a visão do aconchego das rochas chocando meu ser no vislumbre da minha queda.

O fundo do abismo é o que

sempre me esperou de verdade, nunca foi daquele que me olha, lá embaixo, sem saída alguma, consolou-me sem me fazer entender o porquê só se via luz acima. Porém chega, por que foste me olhar? Eu estava melhor sem o peso do meu corpo sendo o motivo do meu declínio. Porque meu corpo me condena, mostra o quanto sou fraco como o abismo que nunca se moveu. Eu sinto ser as rochas que anseiam o meu impacto, estou tão dure como elas. Chega! De degrau por degrau, meus músculos tremem, já não sei mais pisar!

Minhas mãos não se soltam, pois não raciocinam, estão mortas e frias. Minha mente ao



contrário grita em desespero, pede para soltar, mas não consigo. Então, por favor, quanto mais falta para chegar?

"Só mais um degrau!", eu grito para mim mesma.

E não sinto o degrau, do tato, eu sinto algo familiar, mas nunca vindo de outro, quando segurei o degrau, eu senti uma mão.



Esse é um trecho de um conto que infelizmente não terminei, mas pretendo um dia finalizar.



O Tempo

Hoje eu me peguei agradecendo, de uma forma explicável, embora seja tão bem articulada que não sobraria tempo e de tempo quero tentar dizer que tenho de sobra. Não confunda sobra com tempo livre, não temos tempo, até o livre escorre igual lavar as mãos. Passa sem ao menos conseguirmos pegar e se formamos uma concha, logo transborda.

Se prender no tempo é inútil, pois se quer aproveitar a cachoeira, tu se joga. Tu sente o gelo, tu perde o chão, o longe é quem está esperando você. Acredite diário, hoje eu me peguei agradecendo, de uma forma explicável, mas com muito detalhes, se eu tivesse que começar pelo início, eu nem saberia o dia. Se eu cortasse pro' meio, não saberia qual dos dias escolher, mas se eu pulasse para o fim, me

restaria eu agora escrevendo.

O futuro está na palma da mão e o segredo é não querer pegar, somente sentir o deslizar entre os dedos. Hoje eu disse que estava de acordo com o tempo, não porquê eu tinha de sobra, mas por estar passando e muito pouco eu queria me agarrar no que eu não alcançava agora.



Se terá continuação, eu não faço ideia.